

MINHA HISTÓRIA CONTO EU: A CELEBRAÇÃO DA ALTERIDADE EM “ENTREVISTA COM O VAMPIRO”, DE ANNE RICE

Thiago Silva Sardenberg
Mestre em Literaturas de Língua Inglesa (UERJ)
thisardenberg@gmail.com

RESUMO

Este artigo parte da premissa, amplamente difundida por críticos como Nina Auerbach e Jeffrey Jerome Cohen, de que o vampiro na literatura pode potencialmente revelar-se como instigante instrumento de reflexão sobre as angústias e preocupações de um determinado espaço sociocultural. O ensaio pretende olhar para o século XX através da obra *Entrevista com o Vampiro* (1976), de Anne Rice, como sendo capaz de lançar luz sobre questões profundamente associadas a seu contexto de produção específico. Levando em consideração o quão relevante havia se tornado a ideia de dar voz e oportunidades para se interpretar a vida através de diferentes pontos de vista e noções de realidade contra-hegemônicas, o romance celebra a alteridade através da voz única de seus vampiros.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade, Literatura Vampiresca, Anne Rice, Homossexualidade.

ABSTRACT

This article departs from the premise, widely spread by contemporary critics like Nina Auerbach and Jeffrey Jerome Cohen, that, in literature, the vampire may potentially reveal itself as a riveting means to reflect upon the anxieties and concerns of a specific sociocultural environment. The paper aims at looking at the twentieth century based on Anne Rice's novel *Interview with the Vampire* as it is able to shed light upon issues deeply connected to its context of production. Considering how relevant it had become to provide utterance and chance to interpret life through different standpoints and counterhegemonic notions of reality, the novel celebrates alterity through the unique voice of its vampires.

KEYWORDS: Alterity, Vampire Literature, Anne Rice, Queer Literature.

Em outubro de 2012, o jornal americano *The New York Times* publicou uma crítica do livro *The Twelve*, de Justin Cronin, onde o crítico Joseph Salvatore reconhecia que “estes são tempos difíceis para ser um vampiro” (SALVATORE, 2012, p. BR12, minha tradução). Sua afirmação se dá através de uma comparação que traça entre o “velho” e o “novo” vampiro, uma criatura amplamente reconhecida pelo público do século XXI. Sobre o primeiro, ele diz que “antes as coisas eram mais claras: você era um morto-vivo sujo e sanguinário, condenado a perambular pelos cemitérios [...] e escondendo seu rosto da luz do sol, de espelhos e de Deus [...]. Você não era rico ou sexy. Você não brilhava” (*idem*). Já o “novo” vampiro “passou de lenda obscura para estrela sobrenatural da literatura, do teatro e do cinema. A cultura industrializada ficou perplexa diante de você. Não mais um monstro, você ascendeu à metáfora” (*idem*).

A ideia de Cronin resume bem a incrível jornada do vampiro através dos séculos, passando de um perigoso “estrangeiro”, tal como percebemos em obras do século dezenove como *Dracula* de Bram Stoker, para uma criatura bem mais próxima da humanidade. A voz de Salvatore é só mais uma que se juntou a um grande coral de vozes formadas por críticos, autores e pesquisadores que vieram reconhecer o surpreendente poder da figura do vampiro como alegoria para os medos e angústias humanas em um determinado período de tempo.

O presente ensaio ancora-se nesta ideia, que vai de encontro com a noção de que “o discurso que extrai um fenômeno transcultural e atemporal chamado ‘vampiro’ é de utilidade bastante limitada” (COHEN, 1996, p. 5, minha tradução). A figura do vampiro transgride de fato todo tipo de fronteiras, sejam elas geográficas, culturais, temporais ou morais, indo além de todo tipo de delimitação que é imposta ao homem; mas, ao fazê-lo, ela se adapta e se molda de forma a dialogar com questões específicas que se fazem mais relevantes para seu contexto atual.

Através dessa perspectiva, focaremos em uma leitura da obra *Entrevista com o Vampiro* (1976), de Anne Rice, como sendo obra na qual o vampiro serve como meio encontrado pela autora para refletir sobre uma grande preocupação inerente a seu próprio tempo e espaço sociocultural: a questão da alteridade, da preocupação em deixar falar grupos minoritários que não haviam tido a oportunidade de se posicionar como sujeitos de sua própria história. Ao lidar especificamente com a literatura, podemos observar o quão relevante tornara-se a ideia de

prover voz e oportunidades para se interpretar a vida através de diferentes pontos de vistas e noções de realidade.

Os movimentos de libertação que surgiram no momento pós-guerras enalteceram a importância de se aceitar a pluralidade, ao dar aos grupos que haviam sido mantidos à margem do poder hegemônico a chance de encontrar suas próprias vozes, (re)escrevendo a história com suas próprias palavras. Como resultado, temos um número significativo de obras focando em questões específicas que grupos como os afrodescendentes, as feministas e os homossexuais, por exemplo, enfrentavam.

No espírito dessa tendência estava a autora americana Anne Rice, que se tornou interessada na figura do vampiro como uma “metáfora para o *outsider*” (CARTER, 1997, p. 27), ou seja, o que vivia às margens, como um símbolo desses grupos reprimidos que haviam até então ouvido relatos históricos da sua existência, mas nunca tiveram a oportunidade de contar essas histórias através de suas próprias perspectivas. É por essa razão que o vampiro Louis, o herói trágico de *Entrevista com o Vampiro*, parece ansioso e determinado a compartilhar sua história, permeada por tormento e interminável sofrimento. “Gostaria de contar-lhe a história de minha vida, então. Gostaria muito. Acredite em mim, não lhe machucarei. Quero essa oportunidade. É mais importante para mim do que pode imaginar” (RICE, 1997, p.3, minha tradução). Nossa discussão do romance focará precisamente nesse aspecto: na leitura do vampiro como incorporação de pontos de vista múltiplos e conceitos diferentes de realidade trazidos com os grupos contra-hegemônicos.

Entrevista com o Vampiro foi o primeiro de uma série de romances intitulados *As Crônicas Vampirescas*, todos escritos por Rice nas décadas que se seguiram. A simples, porém marcante premissa de que os vampiros seriam os responsáveis por contar suas próprias narrativas abriu um grande leque de possibilidades literárias que não tinham sido exploradas antes. A série, talvez devido a sua abordagem inovadora, mas também, sem dúvidas, pela escrita cativante de Rice, tornou-se extremamente popular – ao lado de *Dracula*, de Bram Stoker, *Entrevista com o Vampiro* é tido com um dos romances vampirescos mais populares jamais escritos – e teve um grande impacto na ficção que se seguiu, devido à caracterização sedutora e perigosa dos vampiros e sua natureza tanto imortal quanto atormentada.

A entrevista a que o título se refere abre o romance, no que testemunhamos Louis, um vampiro com centenas de anos de idade, provar a Daniel, um jovem repórter, que é exatamente aquilo que clama ser, ao deixar-se ser visto através da reveladora luz artificial do quarto onde estão conversando. Surpreso, o jovem cético torna-se imediatamente crente, e, perplexo, restabelece apenas ouvir a história de Louis. Essa estratégia narrativa, de acordo com Gelder, “ênfatisa um momento de confissão, revelação. [...] O leitor ouve a voz do “outro”, o vampiro sai do armário e mostra-se como realmente é” (GELDER, 1994, p. 109, minha tradução).

Rice logo começa a desconfigurar muitos dos pré-conceitos que seus interlocutores possam ter sobre vampiros. Louis revela que sempre foi diferente por natureza daquele que o tornou um vampiro, Lestat. Este último parecia encontrar certa fascinação na arte de matar, fazendo disso uma espécie de *hobby*. Para Louis, esse comportamento significava uma tentativa de “vingança contra a própria vida [...]”. As nuances mais profundas da existência de um vampiro não eram conhecidas por ele, pois ele focava numa vingança maníaca sobre a vida mortal que havia deixado” (RICE, 1997, p. 46, minha tradução).

Louis, por outro lado, sempre mostrou um “respeito profundo pela vida dos outros” (*ibidem*, p. 16), e, ao se tornar um vampiro, ser que, naturalmente, se alimenta da vida de outrem, ele precisou passar por sentimentos de negação, ódio de si mesmo, e um tormento que parecia interminável. Seu despertar para sua existência como vampiro pode ser visto em paralelo com experiências de grupos contra-hegemônicos, como os homossexuais, que, similarmente, experienciaram grande conflito interno ao enfrentar sua verdadeira natureza, ao entender que sua realidade não mais podia ser medida de acordo com os padrões impostos.

A analogia homossexual pode ser apreendida em outras instâncias da obra de Rice, começando com a própria transformação de Louis em vampiro, uma cena que Senf descreve como “a primeira de uma série de seqüências homoeróticas” (SENF, 1988, p. 112, minha tradução).

‘Agora escute-me, Louis’, ele disse, enquanto se deitava ao meu lado nos degraus, seus movimentos tão graciosos quanto íntimos que me remetiam aos de um amante. Eu recuei. Mas ele pôs seu braço direito ao meu redor, e me puxou para perto de seu peito. Nunca havia estado tão próximo dele antes, e através da luz difusa eu podia ver seus olhos radiantes e a máscara que era sua pele. Tentei me mover, mas ele pressionou seus dedos contra meus lábios dizendo, ‘Aquiete-se. Vou sugá-lo até a beira

da morte, e quero que fique quieto, tão quieto que possa escutar o fluxo de sangue por suas veias, tão quieto que possa escutar seu sangue esvaindo-se para mim. É sua consciência, sua vontade que te manterá vivo.’ Quis me debater, mas ele me pressionou tão forte que não pude me mexer, e quando meu corpo cessou sua tentativa de rebelião, seus dentes penetraram fundo em meu pescoço’ (RICE, 1997, pp. 18-19, minha tradução).

É de demasiada importância reconhecer o impacto desta cena na literatura vampiresca. Enquanto a relação entre o vampiro e um outro homem mostrara-se íntima desde os primórdios da literatura vampiresca, como em *The Vampyre* (1819), de John Polidori, o contato físico nunca se dera de fato, e a concretização do ataque era realizada através de uma personagem feminina como mediadora. O mesmo se dá em *Dracula*, de Stoker: enquanto podemos notar um desejo velado por parte do Conde, Harker é “penetrado” apenas pelas vampiras.

Ao descrever o ataque do vampiro, é claramente discernível a intenção de Rice em aproximar tal experiência da experiência sexual. Louis nos conta: “Me lembro que o movimento de seus lábios sobre minha pele ouriçou todos os pelos do meu corpo, enviou um choque de sensação por todo meu corpo que não era diferente do prazer erótico” (*ibidem*, p. 19). Quando perguntado, em determinado momento da narrativa, sobre como se lembrava do sexo entre humanos, Louis simplesmente afirma que era “uma pálida sombra do ato de matar” (id., p. 209). Afinal, “a experiência erótica do vampiro e sua habilidade em reproduzir-se são localizadas oralmente, não genitalmente; sugar o sangue é a forma que o vampiro tem de se nutrir, de se saciar, de se reproduzir” (TOMC, 1997, p. 99, minha tradução). A consumação do desejo de Lestat por Louis logo no início da narrativa – e mais adiante, a total exploração da dinâmica desse relacionamento – corrobora a ideia de que *Entrevista com o Vampiro* seria uma narrativa *queer*, voltada à temática homoerótica, abrindo espaço para assuntos que não haviam sido até então explorados nas narrativas vampirescas.

A intimidade entre homens atinge maior profundidade quando, mais à frente na narrativa, Louis vai à Paris e conhece Armand. Essa relação vai além da fisicalidade previamente explorada, abrangendo admiração e paixão que levam indubitavelmente ao amor. Louis mostrava-se, sim, atraído por Armand, como evidenciado em:

O encontrei pressionado contra mim, seus braços ao redor do meu peito, seus cílios tão perto que poderia distingui-los sobre a órbita incandescente de seu olho, sua respiração suave na minha pele. Era puro delírio. Movi-me como se quisesse afastar-me, mas encontrava-me atraído, incapaz de me mover. (RICE, 1997, p. 229, minha tradução)

Sua aparência, entretanto, era apenas uma fração da figura sedutora de Armand. Louis deixa claro ao entrevistador que o amor que sentia por Armand tinha mais a ver com o compartilhamento de conhecimento e experiências que nunca havia tido com Lestat.

A palavra *queer*, usada por Senf, pode fazer de fato referência à inclinação homossexual do romance, mas vai além. A palavra alude ao que vai além do ordinário, ao que é fora do comum, ao que é percebido como excêntrico, singular, estranho, ou até original. De uma forma mais ampla, a palavra poderia se referir à tentativa do romance de romper com pontos de vista convencionais, como a percepção de papéis de gênero, que são questionados na dinâmica da relação de Louis e Lestat. O fato é que estes vampiros são indiferentes à noção de orientação sexual – eles encontram beleza tanto na forma masculina quanto na feminina – e também a restrições de gênero. Louis é descrito, por toda a narrativa, como mais sensível, delicado, e disposto a atribuir significado as ações impetuosas e caóticas de Lestat. Enquanto ao primeiro são atribuídas características tradicionalmente femininas, o segundo, mais agressivo, encaixar-se-ia no papel masculino. Louis era inicialmente dependente de Lestat, mas essa não era uma dependência financeira ou emocional, e sim uma dependência de conhecimento, ou ao menos a promessa dele.

Louis revela ao entrevistador que Lestat “sempre deixava subentendido, atrás de seu sorriso zombador, que sabia de coisas grandiosas ou terríveis” (*ibidem*, p. 37), mas eventualmente percebeu que Lestat não tinha quaisquer grandes segredos para revelar, que não possuía nenhum conhecimento de valor que fosse essencial. Louis havia sido tolerante e se submetido à Lestat por duvidar de si mesmo, do seu poder, e por acreditar que não seria possível sobreviver só. E então um inevitável confronto se deu.

Você, Lestat, não poderia viver só, não daria conta das coisas mais simples. Por anos a fio, cuidei de tudo enquanto você ficava sentado com seu ar de superioridade. Não há mais nada que você possa me dizer sobre a vida. Não preciso mais de você e não encontro mais utilidade pra você. É você quem precisa de mim. (*ibidem*, pp. 60-61).

Novamente, ao considerar Louis como incorporação do papel feminino na dinâmica do relacionamento, não é de se surpreender que ele mostraria disposição para libertar-se da figura masculina opressora nessa narrativa da década de 70. Essa mesma ideia é ecoada na personagem Babette, cujo irmão, que comandava uma plantação na Louisiana, fora morto por Lestat.

Compreendendo a situação desesperadora na qual Babette se encontrava, Louis revelou-se, objetivando mostrar as possibilidades que ela tinha, mas recusava-se a ver.

O maior problema de Babette era que ela poderia vir a ser bem-sucedida financeiramente, mas como consequência sofrer o isolamento e o ostracismo social. [...] ‘Não espere que os outros entendam’, disse a ela. ‘Eles são tolos. Querem que você recue face à morte de seu irmão. [...] Você deve desafiá-los, mas com pureza e confiança.’ (*ibidem*, p. 58).

Novamente, Louis funciona como uma voz libertadora, que não mais iria se conformar e submeter-se, inspirando outros a seguir por este caminho. Foi devido à aparição de Louis que Babette decidiu tocar a plantação sozinha, para o horror e choque da sociedade sulista, mas dessa forma salvando sua família da ruína.

Ao livrar-se da influência de Lestat, Louis voltou-se para sua própria natureza instigante. Ciente do fato de que não poderia mais contar com Lestat para elucidá-lo, Louis foi deixado com intermináveis perguntas. “Eu não sei o que sou” (id., p.70), “Estou condenado? Sou maldito? A minha natureza é a de um demônio? No que me tornei ao virar vampiro? Para onde vou daqui?” (*ibidem*, p. 73). O desespero experienciado por esse vampiro com conflitos existenciais foi uma forma original de se lidar com o vampirismo. O fato de que ele podia se ver no espelho também era confuso para Louis, uma vez que “esperava, como vampiro, que não poderia se ver refletido. Isso significava para ele que talvez ele tivesse uma alma, de fato, e que sua existência não era sobrenatural” (RAMSLAND, 1993, p. 301, minha tradução). Rice segue a tendência estabelecida previamente por obras como *Eu Sou a Lenda* (1954), onde o fato do vampiro ter um reflexo confere um senso de individualidade que não era reconhecido anteriormente. O vampiro agora se torna um ser tridimensional cujas próprias aflições são dignas de contemplação.

Enquanto muito humanos sonham com a ideia de imortalidade, Louis a vê como uma maldição, como uma progressão interminável de dias insignificantes, em que ele precisa tomar uma vida para sustentar a sua. Com seu respeito pela vida humana, Louis se encontra numa complicada encruzilhada – enquanto desprezava a ideia de matar, era também a única coisa que tinha algum significado na sua nova existência: “Tinha paz somente quando matava, somente por aquele minuto; não havia como questionar o fato de que matar algo que não humano trazia apenas um vago desejo” (RICE, 1997, p. 87, minha tradução).

Louis leva estes questionamentos a Armand quando o encontra em Paris. Louis acredita que seja “demoníaco, assim como todos os outros vampiros que já existiram! Matei muitos e o farei novamente” (*ibidem*, p. 235), enquanto Armand o questiona por que ele precisa “fazer de nós deuses e demônios, quando o único poder que existe se encontra dentro de nós mesmos? Como pôde acreditar nessas mentiras datadas e fantásticas, nesses mitos, nesses emblemas do sobrenatural?” (*ibidem*, p. 239). Para Armand, não havia um poder superior por trás de suas ações, e o que faziam não era ‘demoníaco’, mas sim parte de sua natureza, pois que haviam (re)nascido dessa forma. Eles caçavam humanos para sobreviver, tal qual leões o fazem com veados na selva.

Estamos lidando com a questão de como podemos perceber e atribuir significado ao mundo que nos cerca, a nossas próprias ideias do que é ‘realidade’. Ainda que Louis tenha imediatamente sido capaz de perceber o mundo físico de forma diferente, “Eu vi como um vampiro [...] E então vi que não só Lestat tinha mudado, mas também todas as outras coisas” (*ibidem*, p. 21), ele carrega seu senso de ética e moral, da sua encarnação prévia, para a atual, e esses códigos são inevitavelmente conflitantes. Apesar da tentativa de Armand de fazer Louis entender essa nova realidade, constantemente “forçando-me a um entendimento dos meus poderes e do fato de que os caminhos que trilhei enquanto humano não eram caminhos os quais precisava trilhar novamente” (*ibidem*, p. 278), era simplesmente muito difícil para Louis abraçar essas novas perspectivas; e, ao falhar na tentativa, sua angústia só crescia.

Voltando ao ponto onde Louis havia se libertado da influência de Lestat, continuamos nossa narrativa. Quando Lestat percebeu que de fato perderia Louis, sua próxima jogada provou-se ousada. Ciente do fato de que não havia nada que pudesse dizer para persuadir Louis

a continuar ao seu lado, Lestat apelou para a natureza sensível de Louis ao tornar Claudia, uma menina de 5 anos de idade que Louis havia encontrado chorando ao lado do corpo morto da mãe, uma vampira. Louis acreditava ter matado a menina, mas Lestat anuncia alegremente que “Ela está aqui! Disse ele. Sua ferida, sua filha” (*ibidem*, p. 89). A primeira pergunta de Claudia ao retornar a consciência como vampira é sobre sua mãe, e Lestat responde que “sua mamãe a deixou conosco. Ela quer que você seja feliz. [...] Você é nossa filha, tanto de Louis como minha, entendeu?” (*ibidem*, p. 94-95).

De acordo com Gelder, essa nova e não convencional família é uma configuração inicial de uma família gay (cf. GELDER, 1994, p. 113), onde dois pais competem pela atenção da filha. Claudia, entretanto, se torna uma criatura completamente diferente de ambos, ainda que divida com Lestat o fascínio pela “caça, sedução e morte” (RICE, 1997, p. 101, minha tradução), e com Louis o respeito pela beleza e o interesse pelas artes – já que Louis certificava-se de presentear-lá com livros, poesias e apresentá-la à música clássica.

Ainda que o plano de Lestat tenha funcionado por tempo determinado, foi a própria Claudia que finalmente teve a coragem de por um fim na família. Com o passar dos anos, ela fora se tornando amarga para com Lestat, por tê-la tornado uma vampira – especialmente considerando que o mesmo constantemente a lembrava do fato de que era uma mulher presa no corpo de uma menina – e chega à mesma conclusão que Louis havia chegado muito antes: a de que Lestat não os enriquecia de forma alguma, e sabia que, somente sem ele, eles poderiam viajar o mundo em busca de outros vampiros que potencialmente poderiam trazer algum significado para suas existências. Para surpresa de Louis, Claudia envenena Lestat e o degola, desfazendo de seu corpo num pântano da Louisiana.

Esse não foi nem o fim de Lestat, nem do sofrimento de Louis e Claudia, como os dois iriam descobrir na viagem à Europa. Louis encontra Armand, dono do *Théâtre des Vampires*, um teatro que funcionava como fachada para um covil de vampiros, e acabam se apaixonando. Mas quando Claudia é tomada de Louis à força e assassinada, Louis descobre que era proibido tornar alguém tão jovem, delicado, e suscetível a falhas, um vampiro. Assim, Louis perde toda sua capacidade de amar para sempre. Foi muito tempo depois de ter se vingado da morte de Claudia que Louis aprendeu a matar sem sentir-se culpado. Mas quando, no fim de sua

narrativa, Louis percebe que o entrevistador mostrava-se incrivelmente fascinado com sua saga, implorando para que Louis o concedesse o “dom” da imortalidade, ele percebe que, em seu propósito ao compartilhar sua história, ele “falhou completamente” (*ibidem*, p. 340). Tudo o que o entrevistador apreendeu do desespero e tragédia da jornada de Louis foi seu apelo estético, a ideia de imortalidade e a beleza lânguida que exalavam de suas palavras. De certa forma, o entrevistador antecipava a reação dos próprios leitores do romance, que vieram a cultuar a narrativa, seus personagens e a mente por trás deste mundo tanto rico quanto decadente.

A ideia de Louis, da imortalidade como maldição, em *Entrevista com o Vampiro*, dramaticamente difere da ideia de Lestat em *O Vampiro Lestat* (1985), sequência do romance narrado em primeira pessoa pelo próprio Lestat. Podemos apontar para o fato de que não se faz mais necessário uma figura humana mediando a narrativa; agora o vampiro toma controle total de suas próprias palavras. Mais do que isso, Lestat busca deliberadamente “sair do armário”, contando para toda a humanidade os segredos de sua natureza e dando as boas vindas ao estrelato e aos holofotes de que os vampiros, por tanto tempo, se mantiveram afastados.

Essa mudança de perspectiva nas *Crônicas Vampirescas* de Rice é também uma mudança sensível ao seu tempo, já que a década de 1970 foi apenas o início dos movimentos de libertação minoritária. Olhando para os movimentos de libertação *gay* num cenário pós-*Stonewall*, é claramente discernível que o ativismo *gay* tornara-se mais forte, e mais e mais pessoas eram encorajadas a reconhecer sua verdadeira natureza e prestigiá-la. Nos anos 1980, a homossexualidade não era mais considerada uma doença pela Organização de Saúde Mundial, e os movimentos ganhavam amplitude inédita, de forma que as pessoas passaram a se sentir confortáveis o suficiente para assumir sua identidade contra-hegemônica.

Os vampiros de Rice, metáforas dessas minorias cujas histórias apenas começavam a ser contadas, adaptam-se a esses contextos socioculturais dinâmicos e jogam luz sobre a questão da aceitação da pluralidade e da importância de se observar o conceito subjetivo de realidade através de diferentes pontos de vista – pontos de vistas estes que muitas vezes haviam sido apagados dos relatos históricos oficiais.

REFERÊNCIAS

CARTER, M. L. "The vampire as alien in contemporary fiction". In: GORDON, J.; HOLLINGER, V. *Blood read: the vampire as metaphor in contemporary culture*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1997.

COHEN, Jeffrey Jerome. "Monster Culture (Seven Theses)". In: ---. *Monster Theory: Reading Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. pp. 3-25.

GELDER, K. *Reading the vampire*. London: Routledge, 1994.

POLIDORI, J. "The Vampyre". In: _____. *The vampyre and other tales of the macabre*. New York: Oxford, 1998.

RAMSLAND, K. *The vampire companion*. New York: Ballantine Books, 1993.

RICE, A. *Interview with the vampire*. New York: Ballantine Books, 1997

_____. *The vampire Lestat*. New York: Ballantine Books, 1993.

SALVATORE, J. "It's Spreading". *The New York Times*, New York, 28 out. 2012. p. BR12. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/10/28/books/review/the-twelve-by-justin-cronin.html>? . Acesso em: 1 nov. 2012.

SENF, C.A. *The vampire in 19th century English literature*. [S.l.]: Bowling Green State University Popular Press, 1988.

STOKER, B. *Dracula*. London: Penguin, 2003.

TOMC, S. "Dieting and Damnation: Anne Rice's Interview with the vampire". In: GORDON, J.; HOLLINGER, Ve. *Blood read: the vampire as metaphor in contemporary culture*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1997.

Como citar este artigo:

SARDENBERG, Thiago S. Minha História Conto Eu: a celebração da alteridade em "Entrevista com o Vampiro", de Anne Rice. **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 18, jul.-ago. 2014, p. 241-251. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num18/estudos/palimpsesto18estudos11.pdf>. Acesso em: **dd mmm. aaaa**. ISSN: 1809-3507